

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA

13 e 23 de Janeiro de 2025

GARE DE LYON / 1963

Realização, Fotografia: William Klein (não creditado) *no quadro da emissão televisiva “5 Colonne à la une” concebida por Jean d’Arcy (director de programas da RTF) e produzida por Pierre Lazareff, Pierre Desgraupes, Pierre Dumayet, Paul Gordeaux, com coordenação de Éliane Victor.*

Produção: RTF (França, 1963) *Cópia:* INA, DCP, preto-e-branco, versão original em francês e inglês legendada electronicamente em português, 12 minutos (sem genéricos: trata-se de um dos motivos de reportagem de uma das emissões do magazine) *Primeira transmissão televisiva:* 1963 (em França) *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira apresentação na Cinemateca.*

THE FRENCH / 1981

Realização: William Klein *Fotografia (35 mm):* Nurith Aviv, William Klein, Yann LeMasson *Som:* Alain Curvelier, Sylvie Brajzman, Guillaume Sciamma *Música:* Jean-Pierre Mas *Montagem:* Nelly Quettier, Ragnar *Assistente de realização:* Jean-David Lefebvre *Com:* Arthur Ashe, Marcel Bernard, Björn Borg, Don Budge, Philippe Chatrier, Henri Cochet, Jimmy Connors, Chris Evert, Ivan Lendl, Jean-Pierre Loth, Hana Mandlíková, John McEnroe, Ilie Nastase, Martina Navratilova, Yannick Noah, Victor Pecci, Frd Perry, Virginia Ruzici, Ion Tiriaceanu, Thierry Tulasne, Guillermo Vilas, etc.

Produção: Acteurs Auteurs Associés (França, 1981) *Produtor:* Pascal Judelewicz *Estreia:* 30 de Junho de 1982, em França *Inédito comercialmente em Portugal Cópia:* Arte, ficheiro digital, cor, legendada em francês nos diálogos em inglês e electronicamente em português, 135 minutos *Primeira exibição na Cinemateca:* 1 de Junho de 2018 (“24 Imagens: Cinema e Fotografia | Géneros do fotográfico”).

filmes de WILLIAM KLEIN

Vê-se em *Gare de Lyon*: um filme de William Klein é um filme em que cada fotograma tem a vibração de “uma fotografia de Klein com a mesma desordem aparente, o mesmo excesso de informação, de gestos e de olhares que apontam em todas as direções, mas que são simultaneamente regidos por uma perspectiva organizada e rigorosa”. A apreciação é de Chris Marker, que Klein via como “o génio francês” e com quem estabeleceu ligações de trabalho de ordem vária, fosse porque Marker publicou o seu primeiro livro fotográfico (*New York is Good and Good for You: Trance Witness Revels*, editado em 1956, em França, na colecção “Petit Planète” das edições du Seuil, tal como o seguinte *Rome: The City and its People*, 1959); fosse porque Marker é o autor do texto do cartão inicial de *Broadway by Light*, a estreia cinematográfica de Klein em 1958; ou fosse porque ambos alinharam, juntamente com Alain Resnais, Joris Ivens, Agnès Varda, Claude Lelouch e Jean-Luc Godard, num poderoso retrato-reflexão política da época, o colectivo *Loi du Vietnam* (1967).

Em 1963, a partir de Paris, cidade que escolheu como “sede” artística e de vida, William Klein ainda não tinha encontrado as suas “personagens de cinema”, a começar por Cassius Clay, que viria a filmar no ano seguinte e depois no icónico *Muhammad Ali, the Greatest* (1969). Não. Filmava títulos de duração curta, como motivos de reportagem para o (depois) histórico magazine televisivo “5 Colonne à la Une”. Como *Les troubles de la circulation* e *Le business et la mode* (já vistos no programa), *Gare de Lyon* concentra-se

num tópico, mas também num espaço e nas figuras e nos rostos que momentaneamente o habitam para um retrato filmado com a energia de um olhar “em directo”. O bulício da estação parisiense, uma das mais movimentadas então como agora, é captado num retrato em vésperas das férias grandes de 1963. O ritmo dos passos apressados do trabalhador que sobe as escadas para dar instruções sobre chegadas, partidas e destinos de comboios ao altifalante da cabine sobre a plataforma antecede a sua imagem, mostrando a importância atribuída por Klein às “imagens sonoras”. São visualmente potentes, os planos que começam fixos, exteriores, e depois se aproximam, moventes, do movimento do lugar, das pessoas e dos gestos que o cruzam, à altura e no meio delas. Com um recorte particular, uma luz particular, enquadramentos particulares, sobreposição de reflexos, a estrutura circular que, no desfecho – com o desejo de “uma boa viagem e boas férias” – regressa à posição elevada do chefe da estação sobre a plataforma. O fluxo do movimento detém-se, congelando no paráltico desse último plano que, numa composição exemplar, sobrepõe o homem de sorriso discreto e a estrutura arquitectónica da gare de Lyon.

The French é outra coisa. Um filme de William Klein em colaboração com a Federação Francesa de Ténis em Roland-Garros 1981. Um filme composto sob a influência das cores da bandeira francesa que o pontuam em separadores-capítulos variando sobre manchas de cor, composições gráficas a azul, vermelho e branco, de “1 semana antes...” a “1 mês depois em Wimbledon” (título do “epílogo” de duração breve assente em imagens fotográficas que silenciosamente desdizem os gritos de vitória da 53ª edição do Torneio de Roland-Garros, alinhando um efusivo John McEnroe e um cabisbaixo de Björn Borg). “Uma reportagem dinâmica realizada sem comentário”, “um olhar novo sobre o torneio” – termos de sinopse – resultante da primeira vez em que é dada autorização de filmagem nos bastidores de Roland-Garros, na capital francesa: Klein e as suas três equipas lançam-se à cobertura das duas intensas semanas do torneio vulgarmente conhecido como Internationaux de France, The French Open ou, justamente, The French num ano crucial para o ténis, seguindo a edição em que venceram o sueco Björn Borg e a checoslovaca Hana Mandlíková, nas competições masculina e feminina repletas de nomes-estrela.

O material 35 mm Fuji é montado em cronologia, dos preparativos às partidas, captando as tensões entre os diversos intervenientes (jogadores, árbitros, empresários, jornalistas, espectadores, etc.), ou as decorrentes das surpresas meteorológicas, num retrato dos meandros do acontecimento desportivo, com o seu lado circense e o seu lado lacónico. *The French* tem necessariamente essa aura desportiva, mantendo a inteligência e a sensibilidade do olhar de Klein, e também algum sentido de humor, já agora acrescentado. Um conhecedor de ténis vê-lo-á de outra maneira, embora *The French* – belo título descritivo que joga com a biografia exilada de Klein, o americano em Paris – seja sobretudo um belo “filme de desporto” e portanto um belo filme, pelo menos na visão sempre consoladora de Jean-Luc Godard, um jogador de ténis que acalentou a vontade de filmar a geometria e os movimentos do ténis.

Não falemos sobre os planos de ténis de *Pierrot le fou* ou de outros filmes de Godard. Não falemos de *The Royal Tenenbaums* de Wes Anderson ou de *Entretanto* de Miguel Gomes entre tantos outros. Mas lembremos – como não? – *Strangers on a Train* de Hitchcock e *Blow-Up* de Antonioni, que também não são “filmes de ténis” tendo das melhores sequências filmadas de sempre sobre partidas de ténis, espectadores incluídos. Como em alguns planos de *The French* que fixam as bancadas, as reacções dos espectadores, em particular o grande plano fixo que se demora no espectador de cabeça que vai voltando, em contínuo, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita seguindo a bola de que ouvimos as pancadas surdas. Mas lembremos o recente, documental, *John McEnroe: o domínio da perfeição* de Julien Faraut, que também faz caso do ténis e do cinema, dos anos 1980, do campo e do fora de campo. E dos escritos de Serge Daney sobre o ténis, e de um aforisma de Godard a propósito: “o cinema mente, o desporto não”.

Maria João Madeira